

## Introdução

### A ESQUERDA E A DIREITA HOJE

A ajuizar por critérios políticos tradicionais, não há dúvida de que vivemos hoje tempos estranhos. Observemos a figura paradigmática da extrema-direita actual, as milícias fundamentalistas milenaristas dos Estados Unidos. Não é verdade que se assemelham com frequência a uma versão caricatural dos grupúsculos separatistas da extrema-esquerda militante dos anos 60? Estamos, em ambos os casos, perante a lógica anti-institucional radical: o inimigo último é o aparelho de Estado repressivo (FBI, forças armadas, sistema judicial) que ameaça a própria sobrevivência do grupo, organizado como um corpo extremamente disciplinado a fim de ser capaz de resistir a essa pressão. Encontramos o caso exactamente oposto quando vemos um esquerdista como Pierre Bourdieu defender a ideia de uma Europa unificada enquanto «Estado social» forte, «garantindo um mínimo de direitos sociais e a segurança social contra a ofensiva da globalização»: dificilmente nos abtemos de ironizar perante um intelectual de extrema-esquerda que se dedica a levantar muralhas contra o poder corrosivo global do Capital que Marx elogiou com a

força que se sabe. Tudo se passa, com efeito, como se os papéis tivessem sido, hoje, trocados: os esquerdistas sustentam o Estado forte invocando o motivo de ele representar a última garantia das liberdades sociais e civis perante o Capital, ao mesmo tempo que a gente de direita demoniza o Estado e os seus aparelhos, apresentando-os como máquina de aterrorizar suprema...

O postulado subjacente a estas estranhas inversões é o facto de a esquerda moderada de hoje, de Blair a Clinton, aceitar silenciosamente a *despolitização da economia* — e por isso a única força política séria que persiste em questionar a regra incontestada do mercado é a extrema-direita populista (Buchanan nos Estados Unidos, Le Pen em França). Quando Wall Street reage negativamente à baixa da taxa de desemprego, o único a afirmar a constatação evidente de que aquilo que é bom para o Capital não é manifestamente aquilo que é bom para a maioria da população foi Buchanan. Ao contrário do velho adágio segundo o qual a extrema-direita diz abertamente o que a direita moderada pensa em segredo, não se atrevendo a formulá-lo em público (a assunção aberta do racismo, da necessidade de uma autoridade forte e da hegemonia cultural dos «valores ocidentais», etc.), estamos a caminho de uma situação, portanto, em que a extrema-direita diz abertamente o que a *esquerda* moderada pensa em segredo, sem se atrever a formulá-lo em público (a necessidade de pôr um limite à liberdade do Capital).

Este livrinho trata da maneira como a postura ideológica hoje predominante — o liberalismo multicultural e tolerante — participa em pleno nesta despolitização da economia; para o resumir em termos concisos, a tolerância multicultural é a ideologia hegemónica do capitalismo global. A oposição entre o fundamentalismo étnico-sexista-religioso e a

## Elogio da Intolerância

19

tolerância multicultural é, em última análise, uma falsa oposição: a neutralização política da economia é o postulado comum aos dois extremos. A única via de saída deste beco, e o primeiro passo, portanto, a caminho de uma renovação da esquerda, é a reafirmação de uma crítica virulenta, fortemente *intolerante*, da civilização capitalista global.

## A HEGEMONIA E OS SEUS SINTOMAS

Os que ainda se lembram dos bons velhos tempos do Realismo Socialista sabem bem que papel-chave desempenhava a noção de «típico» na sua construção teórica: uma literatura socialista verdadeiramente progressista devia descrever heróis «típicos» em situações «típicas». Os escritores que, por exemplo, apresentavam uma imagem decisivamente descorada da realidade soviética não eram simplesmente acusados de mentir — a acusação consistia em declarar que proporcionavam uma imagem distorcida da realidade social ao centrarem a sua atenção em fenómenos que não eram «típicos», que constituíam tristes traços do passado, em vez de atenderem a fenómenos «típicos», quer dizer que exprimiam, na acepção precisa do termo, a tendência histórica subjacente mais profunda do progresso a caminho do comunismo. O raciocínio era o seguinte: um romance que apresenta um novo tipo, socialista, de homem que dedica a sua vida à felicidade da colectividade descreve naturalmente um fenómeno marginal (na sua maioria, as pessoas ainda não são assim), mas um fenómeno que nos permite, todavia, identificar as forças que são verdadeiramente progressistas e que desempenham um papel activo na situação social pre-

sente... Por mais ridícula que possa parecer esta noção de «típico», contém um núcleo duro de verdade, consistente no facto de cada noção ideológica aparentemente universal se ver sempre contaminada por esta ou aquela componente de carácter particular que deforma a sua universalidade própria e sapa a sua eficácia. Na rejeição actual do sistema do Estado-providência, característica, por exemplo, da nova direita nos Estados Unidos, a ideia muito difundida de que o Estado-providência tal como hoje existe não funciona é contaminada pela representação mais concreta da famosa mãe celibatária afro-americana, como se o Estado social constituísse, em última instância, um programa destinado a acudir às mães negras celibatárias: o caso particular da «mãe negra celibatária» é tacitamente considerado «típico» da ideia amplamente aceite que existe acerca do Estado-providência e do que nele não funciona como deve ser... E passa-se a mesma coisa com *toda* a noção ideológica universal: continua a ser necessário procurar o elemento particular que arruína a eficácia específica de uma noção ideológica. No caso da campanha da Maioria Moral contra o aborto, por exemplo, o caso «típico» é o perfeito oposto da mãe negra (desempregada): a imagem de uma mulher profissionalmente bem sucedida e sexualmente livre, que confere a prioridade à sua carreira em detrimento do seu dever «natural» de maternidade (imagem que entra em contradição flagrante com os factos, que nos fazem saber que a grande maioria dos abortos ocorrem em famílias modestas e numerosas). Esta «inversão» específica, o facto de o elemento particular ser decretado «típico» da noção universal, é o elemento do fantasma, do fundamento/suporte fantasmático da noção ideológica universal — ou, nos termos de Kant, desempenha o papel do «esquematismo transcendental», traduzindo a noção universal vazia numa noção que se liga e aplica à nossa